

# **Produção leiteira, modernização desigual da agricultura e trabalho familiar integrado e subordinado à agroindústria, o caso do Reassentamento Cristo Rei/RS**

## *Dairy production, unequal modernization of agriculture and family work integrated and subordinated to agribusiness, the case of the Reassentamento Cristo Rei/RS*

**Tamara Juriatti**

Mestranda em História pela Universidade Federal de Santa Maria.  
Responsável Técnica Museu Memória Viva de Chiapetta.

**Resumo:** O artigo busca debater as mudanças que a modernização desigual da agricultura provocaram no trabalho dos agricultores familiares a partir da integração destes a agroindústria de produção leiteira. O grupo observado foi dos moradores do Reassentamento Cristo Rei, no município de Chiapetta/RS, da década de 1960 até os tempos atuais. Através de coleta de entrevistas e uso de documentação pode-se compreender como ocorreu o processo de modernização do trabalho ligado a atividade leiteira, bem como problematizar o atual modelo de produção baseado na exploração animal e humana. Compreendendo que este processo ao mesmo tempo que possibilitou um aumento da renda para as famílias que conseguiram se adaptar, também gerou uma série de dependências em relação ao agronegócio.

**Palavras-chave:** Mercantilização. Agricultura familiar. Produção leiteira.

**Abstract:** The article seeks to discuss the changes that the unequal modernization of agriculture caused in the work of family farmers from their integration into the dairy farming industry. The observed group was the residents of the Reassentamento Cristo Rei, in the municipality of Chiapetta/RS, from the 1960s to the present time. Through the collection of interviews and the use of documentation, it is possible to understand how the process of modernization of work related to dairy activity occurred, as well as to problematize this model of production based on animal and human exploitation. The increase in income for families that were able to adapt, also generated a series of dependencies on the agro-industry

**Keywords:** Commodification. Family farming. Dairy production.

### **Introdução**

No presente trabalho procura-se contribuir com os estudos referentes ao trabalho ligado à produção leiteira no modelo de produção familiar, tendo como território observado o Reassentamento Cristo Rei, que se localiza no município de Chiapetta/RS. O Reassentamento

foi formado por volta do ano 2001 por um grupo de famílias migrantes da redemarcação da Terra Indígena de Serrinha, na região planalto do Rio Grande do Sul. A temporalidade que será abordada inicia por volta da década de 1960 quando as famílias ainda residiam na atual Terra Indígena de Serrinha, que pelos não indígenas era denominada de Vila Capinzal, e se estende no pós migração até o tempo presente.

Em “autor” consta como a Terra Indígena de Serrinha havia sido invadida por famílias agricultoras não indígenas por volta da metade do século XX, essas famílias de pequenos agricultores estavam em busca de terras para a reprodução familiar, já que as propriedades de seus pais não tinham mais condições de serem divididas entre os filhos herdeiros por se tratarem de propriedades pequenas para suprir o grande número de filhos que nasciam naquele período, devido a grande necessidade de mão-de-obra.

Devido a desigualdade na distribuição de terras no país e a não realização de uma reforma agrária, esses agricultores não indígenas foram em busca de terra onde acreditavam não haver “dono” (NASCIMENTO, 2014). Muitas famílias sabiam da presença indígena, já que o povo Kaingang denunciou ao governo estadual a entrada de não indígenas nas terras, porém o Estado havia demarcado parte da área como Reserva Florestal e aos poucos foi diminuindo a extensão da Terra Indígena de Serrinha, dando aval para os não indígenas adentrarem aquelas matas.

Como o debate sobre o direito dos povos originários não era aprofundado, popularmente se acreditava erroneamente que aquela área era muito grande para a população Kaingang que ali vivia. O governo por não estar disposto a mexer com a estrutura fundiária no estado foi aos poucos vendendo para as famílias não indígenas as terras daquele território, até o momento em que a área destinada a Reserva Indígena foi totalmente ocupada por não indígenas e extinta. Os agricultores que se instalaram na antiga Reserva criaram uma comunidade rural denominada Vila Capinzal.

Após a redemocratização do país com o fim da Ditadura Civil-Militar em 1985, e a possibilidade de livre manifestação os povos indígenas se mobilizaram em busca da recuperação de suas terras, o que levou a redemarcação da Terra Indígena de Serrinha. As famílias não indígenas foram reassentadas em outros territórios do Rio Grande do Sul, um destes reassentamentos foi batizado de Cristo Rei, onde residem aproximadamente 25 famílias. O estudo focará nesta comunidade rural que se formou no início do século XXI, após várias tratativas com o governo estadual e uma ocupação de integrantes das famílias em frente a área que finalmente foi adquirida pelo Estado de uma herdeira de terras local.

## **Objetivos**

O Reassentamento Cristo Rei se localiza na zona rural da Cidade de Chiapetta/RS, é formado por famílias agricultoras que possuem pequenas propriedades e contam com a produção leiteira como uma das principais fontes de renda. Explorar-se-á as mudanças no trabalho familiar ligado a este ramo produtivo, provocadas principalmente pela crescente mercantilização do trabalho agrícola (PLEIN, 2010) causada pela modernização desigual da agricultura brasileira (GONÇALVES NETO, 1997) que levou ao trabalho familiar integrado e subordinado as agroindústrias (ALENTEJANO, 2012) .

## Metodologia

Se trata de uma pesquisa qualitativa (JACCOUND; MAYER, 2008) que utilizou textos de outros autores, entrevistas orais realizadas com os agricultores durante a pesquisa da autora para o mestrado, dados dos Talões de Notas Fiscais do Produtor Rural, fotografias, ambos do acervo pessoal dos agricultores familiares e também observações diretas. As entrevistas foram realizadas durante o ano de 2021 e 2022, contaram com a participação de 11 pessoas, homens e mulheres adultos de diferentes idades, que possuem diversas trajetórias, mas possuem em comum a migração da Vila Capinzal para o Reassentamento Cristo Rei.

Os Talões de Notas Fiscais do Produtor Rural são de emissão obrigatória pelo produtor rural, na circulação de bens e materiais relacionados com suas atividades e de mercadorias. Os Talões trazem notas fiscais de circulação de mercadorias na propriedade rural, com saída de produtos/mercadorias e entradas de bens, serviços e mercadorias. A tabela contendo as informações dos Talões dividido por famílias, com dados sobre o produto, data de comercialização, quantidade, número da nota fiscal, pessoa ou empresa com quem houve relação e de que tipo ela foi estão disponíveis através do link < [https://drive.google.com/file/d/148ARWSRefpI2myqbAXxk\\_jHJqHJ4q1E/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/148ARWSRefpI2myqbAXxk_jHJqHJ4q1E/view?usp=sharing) > para consulta. Além das entrevistas compõe o artigo a observação participante realizada pela autora na convivência com os/as moradores ao longo de sua vivência e mais especificamente como pesquisadora do mestrado em história do ano de 2020 ao ano e 2022.

## Resultados e discussão

Para Plein (2010, p. 103): “O termo mercantilização é utilizado para representar o processo de integração da agricultura familiar aos mercados, como por exemplo, na comercialização da produção, aquisição de insumos e acesso ao crédito”. O período em que esse processo ganha mais força é a partir da década de 1960, onde se inicia a chamada “Revolução verde”, que “[...] associa insumos químicos (adubos e agrotóxicos), insumos mecânicos (tratores, colheitadeiras mecânicas e outros) e biológicos (variedades melhoradas)” (SANTILI, 2009, p. 25 apud LAZZARI; SOUZA, 2017, p. 4).

Para que a produção aumentasse “[...] foram desenvolvidas variedades vegetais de alta produtividade que dependiam, entretanto, da adoção de um conjunto de práticas e insumos conhecidos como ‘pacote tecnológico’ da Revolução Verde (insumos químicos, agrotóxicos, irrigação, máquinas agrícolas etc)” (op. cit). Aliado ao pacote tecnológico “foi criada também uma estrutura de crédito rural subsidiado e, paralelamente, uma estrutura de ensino, pesquisa e extensão rural associadas a esse modelo agrícola” (op. cit). No Brasil o governo ditatorial a partir de 1964 foi quem incentivou essas mudanças através de acesso de linhas de crédito e abertura das fronteiras para o capital internacional ligado ao setor agrícola, chamado por Pompeia (2021) de agribusiness.

Contudo apesar do termo “Revolução Verde” ter sido amplamente usado por pesquisadores, preferiu-se utilizar neste artigo o termo utilizado por Gonçalves Neto (1997, p.11) que

denominou este processo de “modernização desigual”, pois ao contrário do que era propagado, de que a mercantilização agrícola acabaria com a fome no mundo, o resultado não foi nada revolucionário: a fome continuou sendo um problema, a desigualdade entre os agricultores têm se acentuado pela exclusão de muitos do processo produtivo por falta de recursos para adquirir os meios de produção necessários e o principal produto fruto deste processo, que é a soja, serve principalmente para a exportação e a alimentação animal, animais estes que após mortos são alimento de qualidade somente para uma parcela mais abastada da sociedade, já que os mais pobres a consomem em maior quantidade como ultra processado em salsichas e mortadelas (PRATO CHEIO, s.d.)

Wanderley (2014, p. S026) ressalta que a agricultura familiar é um modo de viver e de trabalhar, esse ponto é fundamental para o entendimento desta como antagônica ao latifúndio ou sua forma moderna, o agronegócio, as famílias detentoras de grandes latifúndios do passado são praticamente as mesmas da contemporaneidade, além de terem empresas sobre sua administração, como as de insumos agrícolas ou processamento de alimentos (QUEM SÃO..., 2021). Portanto a agricultura familiar tem uma série de características que a difere do agronegócio, como o fato do trabalho ser feito pela família e não por empregados, o uso do solo para a policultura e não para a monocultura, o uso do solo para a produção de alimentos que são usados pela família e não só para a venda. E essas características não são só comerciais, elas refletem modos de viver distintos, enquanto os agricultores familiares vivem nos seus territórios produtivos, os donos do agronegócio vivem em sua maioria nos grandes centros urbanos, fazendo negócios na Faria Lima, importante centro comercial e financeiro do Brasil, localizado em São Paulo.

Quando os agricultores familiares tem seu direito a terra garantido e a propriedade formalmente reconhecida, isso gera mais independência em relação aos grandes proprietários de terra, mas neste caso, segundo Wanderley (2014, p. S028) a tensão entre subordinação e autonomia se desloca para a comercialização de produtos, os pequenos agricultores “sofrem as consequências de relações também subordinadas e assimétricas”, já que se tornam reféns dos insumos agrícolas para que consigam alcançar o grau de produção esperado. A autora também aborda a diferenciação da agricultura familiar e do agronegócio, os dois conceitos muitas vezes são aproximados pelo agronegócio para um esvaziamento político da atuação dos agricultores familiares, mas cabe reforçar que se tratam de duas identidades distintas e com interesses também distintos.

Os agricultores familiares são ainda percebidos, por alguns, como integrantes das principais culturas agropecuárias do País, inclusive das grandes cadeias produtivas globalizadas. Neste caso, eles são incluídos na categoria genérica do “agronegócio”, juntamente com os grandes proprietários e empresários do setor agrícola do País. Esta corrente, ideologicamente mais ligada a este mesmo setor, considera o agronegócio em sua dimensão estritamente econômica, capaz de gerar interesses comuns a todos aqueles que, de uma forma ou de outra, são agricultores. Negam-se, assim, as dimensões identitárias que nutrem as categorias “camponês” e “agricultor familiar”, retirando delas toda referência à constituição de sujeitos políticos e, frequentemente, desconhecendo o caráter subalterno de sua participação setorial, que exclui

qualquer possibilidade de adesão econômica e política à grande propriedade e à grande produção (WANDERLEY, 2014, p. S030)

Alentejano (2012, p. 759) usa o conceito de trabalho familiar integrado e subordinado as agroindústrias, para o modelo de trabalho onde pequenos proprietários produzem com base na força de trabalho familiar e são submetidos por contratos de integração as empresas agroindustriais, que lhes fornece matérias primas e insumos agrícolas, e ditam qual será o padrão produtivo na propriedade e o preço pago pelos produtos produzidos. Esse modelo foi sendo construído paulatinamente no Rio Grande do Sul, principalmente a partir da década de 1970, e pode facilmente ser observado no Reassentamento Cristo Rei, onde as famílias dependem de insumos industrializados para a produção leiteira, que é vendida para agroindústrias, nacionais e internacionais, de laticínio. Os insumos agrícolas não são diretamente entregues pelas empresas que compram a produção leiteira, mas entende-se aqui todas estas empresas, tanto antes, como depois da porteira, como uma classe econômica que é antagonista a dos produtores familiares e que ditam o formato da produção.

Através dos relatos orais dos agricultores entrevistados foi possível perceber como a integração as agroindústrias, no caso da pecuária, se deu no trabalho ligado a produção de porcos e de leite de vaca, apesar de serem dois ramos produtivos distintos, com produtos distintos e metodologia de produção distinta, eles possuem uma trajetória semelhante no trabalho da comunidade, com a diferença de que a produção leiteira em alta escala (para os padrões da agricultura familiar atualmente) foi assimilada pela comunidade e a produção suína não.

Todas as pessoas relataram que no início do assentamento em Constantina, entre as décadas de 1950 a 1960, elas criavam porcos para a venda. Os relatos podem ser cruzados com outra fonte estudada, os Talões de Nota Fiscal do Produtor Rural<sup>1</sup>, onde aparece a venda de “suínos” em uma quantidade considerável, na década de 1980 e início de 1990 existem vendas de até 32 animais. Quando perguntados sobre o por que pararam de criar estes animais, os/as agricultores/as responderam que foi por conta do novo sistema de criação ligado às agroindústrias, que exigia mudanças na produção, principalmente muito investimento em infraestrutura e que não tinham capital para tal mudança.

Coletti e Lins (2011) apontam que até a década de 1980 a produção de suínos era organizada pelo chamado ciclo completo, onde o processo de criação dos porcos era integralmente controlado pelo/a agricultor/a, a relação com empresas agroindustriais era somente para a venda dos animais já prontos para o abate e para a aquisição de medicamentos e insumos. A integração das famílias às agroindústrias aumentou nos anos 80, inicialmente as famílias eram obrigadas a seguir as orientações técnicas das empresas e pagar pelos insumos e medicamentos que eram entregues, em contrapartida as agroindústrias tinham que fornecer insumos, medicamentos, assistência técnica e garantir que iam comprar a produção posteriormente.

---

<sup>1</sup>. De emissão obrigatória pelo produtor rural, na circulação de bens e materiais relacionados com suas atividades e de mercadorias. Os Talões trazem notas fiscais de circulação de mercadorias na propriedade rural, com saída de produtos/ mercadorias e entradas de bens, serviços e mercadorias. A tabela contendo as informações dos Talões dividido por famílias, com dados sobre o produto, data de comercialização, quantidade, número da nota fiscal, pessoa ou empresa com quem houve relação e de que tipo ela foi estão disponíveis através do link < [https://drive.google.com/file/d/148ARWSRef-pI2myqbAXxk\\_jHJqHJ4q1E/view?usp=sharing](https://drive.google.com/file/d/148ARWSRef-pI2myqbAXxk_jHJqHJ4q1E/view?usp=sharing) > para consulta.

“O processo de concentração da produção, em curso, principalmente, desde os anos 80, logo resultou em apurada seleção dos suinocultores” (Ibid. p. 347), ou seja, muitos deixaram a produção de suínos para a comercialização, incluindo o grupo de famílias do Reassentamento Cristo Rei. O processo de exclusão de famílias da produção de suínos por conta do aumento das exigências de infraestrutura é bem semelhante ao processo que acontece posteriormente na produção leiteira, onde as exigências feitas pelas empresas do agronegócio leiteiro, fizeram com que muitas famílias abandonassem a produção.

Ao longo dos anos outras mudanças ocorreram, a produção suína se fragmentou ainda mais, algumas famílias ficaram responsáveis pela “produção dos leitões”, ou seja, sua reprodução, outras propriedades foram denominadas de “creches”, onde ocorre a engorda dos animais pequenos e por último foram criadas as propriedades “terminadoras” em que a engorda é encerrada e o porco está pronto para o abate (SERAFINI et. al, 2019, p. 3).

As pessoas entrevistadas nas pesquisas sobre a produção de suínos citadas acima, apresentaram opiniões muito parecidas com as dos/as moradores/as do Reassentamento Cristo Rei no que se relaciona a produção leiteira. Segundo os criadores de porcos, antigamente a produção era mais sofrida, mas porém, o dinheiro que recebiam possibilitava a compra de mais bens, agora o manejo dos animais é mais fácil e exige menos mão de obra, porém as exigências feitas pelas empresas aumentaram, aumentando os custos de criação e infraestrutura para as famílias, o que diminuiu a renda para outras atividades.

Durante as entrevistas realizadas com os/as moradores/as do Reassentamento Cristo Rei as pessoas verbalizaram a mesma insatisfação, como os custos com a produção aumentaram a partir do processo de modernização desigual da agricultura brasileira (GONÇALVES NETO, 1997 o dinheiro que se recebia das empresas como pagamento pelos produtos vendidos precisa ser, em grande medida, reinvestido na propriedade para melhoria da infra estruturada, aquisição de insumos, compra de medicamentos para os animais, ração, e uma série de outros gastos, que transferem grande parte do capital para as indústrias do agronegócio. No Reassentamento Cristo Rei, onde as principais mercadorias produzidas para o mercado são a soja e o leite, existe uma dependência muito grande das indústrias que fornecem a matéria-prima. E não poderia ser diferente, o agronegócio criou essa demanda, principalmente através das empresas de capital internacional, como a Monsanto.

Da mesma forma que a produção de porcos teve uma mudança quando integrada à agroindústria, a produção de leite também passou por este processo. Lima, Luca e Trennepohl (2014, p. 7) explicitam em seu trabalho alguns números sobre o aumento da produção leiteira no Rio Grande do Sul, o volume da produção leiteira em 1960 era de 381 milhões de litros, em 1975 era de 815 milhões, já em 1996 foi de 1,8 bilhões de litros, 2,7 bilhões de litros em 2006 e 3,9 bilhões de litros em 2011. Também houve um aumento da produção anual de leite por vaca, eram 1.000 litros/vaca/ano na década de 1980, 1.500 litros/vaca/ano durante a década de 1990 e 2.000 litros/vaca/ano nos primeiros anos do século XXI.

No início do assentamento das famílias na Vila Capinzal, entre 1960 e 1970, local de assentamento resultante de intrusão de Terra Indígena de Serrinha (“autor”), os relatos são de uma vaca por família para o autoconsumo de leite, e uma dupla de bois como força motriz das

carroças. Posteriormente algumas famílias passaram a produzir queijo, que era um dos produtos trocados nos mercadinhos locais da comunidade (comuns naquele período já que as relações comerciais majoritariamente se davam em nível local) por itens que não eram produzidos pelas famílias em casa. Posteriormente o mercado local de leite foi se expandindo, principalmente através da criação das cooperativas na região de Constantina, a citada pelos/as agricultores/as durante as entrevistas foi a Cooperativa Produção Agropecuária Constantina (COOPAC), mas haviam outras empresas de laticínios que também compravam o leite.

Conforme Lima, Luca e Trennepohl (2014, p. 3) a partir do final da década de 1950 foram criadas várias cooperativas tritícolas, para dar vazão ao trigo produzido pelas famílias agricultoras, com a gradual perda de espaço desta cultura a maioria das cooperativas se dedicaram ao comércio da soja. Já a COOPAC, surgiu como uma cooperativa destinada para dar vazão às produções menos privilegiadas pelas cooperativas mais antigas. Segundo Picolotto e Diesel (2004, p. 3) a COOPAC, foi criada em 1991 por agricultores familiares de Constantina em um seminário que discutia a agricultura e pecuária organizado pelo Sindicato de Trabalhadores Rurais (STR). O objetivo da cooperativa era garantir alternativas para as famílias, com base em um desenvolvimento sustentável e cooperativismo solidário. A COOPAC ainda é uma cooperativa muito atuante em Constantina, porém pós reassentamento em Chiapetta/RS as famílias associadas não tinham mais como manter o vínculo, já que estavam a aproximadamente 166 quilômetros de distâncias. Como alternativa se filiaram à associação leiteira da comunidade vizinha, Nova Conquista, que devido às pressões impostas pelo mercado leiteiro acabou encerrando seus trabalhos na primeira década do ano 2000, fazendo com que as famílias passassem a negociar individualmente com as empresas compradoras do leite, o que prejudicou o preço pago por litro de leite, já que o volume vendido influencia no cálculo do preço por litro, que podia obter resultados mais satisfatórios com a negociação coletiva feita através da associação comunitária, que negociava a partir de uma quantidade maior de litros de leite. Mas como bem colocado por Picolotto e Diesel (2004, p. 9), a partir de uma entrevista com o presidente da COOPAC a produção de leite ainda é a que garante uma renda mensal às famílias, já que as indústrias leiteiras pagam mensalmente o leite coletado na casa das famílias, e a soja e outros grãos têm um rendimento por safra, que pela pequena quantidade de terra que as famílias possuem não garante dinheiro para o ano todo.

Com o passar dos anos a produção de leiteira foi ficando cada vez mais especializada e tecnológica, uma tecnologia que por mais que gerou mais produtividade, também gerou mais custos aos agricultores familiares. Durante as entrevistas realizadas com os/as moradores/as do Reassentamento Cristo Rei as pessoas verbalizaram a insatisfação com os custos elevados de produção, que aumentaram a partir do processo de modernização desigual da agricultura brasileira (GONÇALVES NETO, 1997), processo obviamente criado para onerar os agricultores familiares e gerar mais valia para as empresas do agronegócio, que segundo Pompeia (2021, p. 47) já em 1955 haviam se identificado nos EUA com o nome de *agribusiness*, e não demoraram muito para expandir seus mercados e lançar o modelo organizativo para os países da América Latina (ibid., 116).

Segundo os entrevistados do Reassentamento Cristo Rei, o dinheiro que recebem das

empresas como pagamento pelos produtos vendidos precisa ser, em grande medida, reinvestido. No caso do leite, temos alguns processos que necessitam o investimento de montantes consideráveis de dinheiro, os produtores precisam primeiramente comprar o sêmen que vai ser usado na inseminação artificial, que é aplicada pelos próprios moradores da comunidade que se especializaram nesta tarefa e a realizam como complemento à renda, mas o sêmen é comprado de fornecedores, depois caso o parto da vaca tenha complicações, ou ela sofra de hipocalcemia<sup>2</sup> é necessário comprar medicamentos. O processo de ordenha exigiu inicialmente um alto investimento em estrutura: construção de uma sala específica para ordenha, a compra de resfriador para a conservação do leite, das próprias ordenhas, do motor, do aquecedor de água para a higienização posterior, além de todos os produtos passados antes e depois da ordenha nos tetos das vacas e os usados para a limpeza dos canos de tubulação que levam o leite da ordenha até o resfriador. Muitas famílias (senão todas que investiram neste ramo de produção) precisaram recorrer a financiamentos para comprar estes materiais. Com o aumento da produtividade das vacas aumentaram as suas necessidades nutricionais, boa parte da propriedade precisa ser usada para pastagens permanentes e temporárias, também para o plantio do milho usado na produção da silagem (alimento de fermentação anaeróbica com base na moagem da palha verde do milho que é servido no pós ordenha). Portanto restam poucos hectares na propriedade para o plantio de outra cultura, algumas famílias plantavam soja, trigo, alimentos para o autoconsumo e existem casos em que além do autoconsumo a propriedade toda é usada exclusivamente para a produção leiteira.

Na imagem abaixo é possível ver na propriedade familiar as covas de silagem e um pouco acima o silo vertical para rações secas, também vemos além da casa o galpão onde eram guardados os insumos e máquinas agrícolas, sala de ordenha onde o leite é tirado, estrebaria onde as vacas são alimentadas no pós ordenha e instalações que abrigam galinhas e porcos para autoconsumo, atualmente esta mesma propriedade possui mais um galpão onde são guardados os insumos e maquinários, já que mais investimentos foram feitos, esta casa está localizada no Reassentamento Cristo Rei. Já na imagem posterior tem-se a propriedade desta mesma família, mas em Constantina, antes da migração (posteriormente a área pertenceu ao município de Engenho Velho com a sua emancipação) com instalações bem mais simples, pode-se ver ao redor do galpão uma palhada, provavelmente do milho trilhado, algumas pequenas construções que deviam ser o galinheiro, o local onde o porco para autoconsumo ficava preso, provavelmente no galpão maior era onde a trilhadeira ficava guardada e onde se davam as ordenhas e refeições das vacas. Os custos de que reclamam os produtores podem ser percebidos através da infraestrutura das moradas, que estão muito mais complexas do que á 30 ou 40 anos atrás.

---

2. “A hipocalcemia é a baixa quantidade de cálcio no sangue. O que faz com que o animal não consiga levantar após o parto, por falta de minerais que auxiliam nas funções nervosas e musculares.”

PRODAP. Hipocalcemia em vacas: O que é, quais são sintomas e como tratar. Disponível em:< <https://prodap.com.br/ptblog/sintomas-da-hipocalcemia>> Acesso em: 10/01/2022.

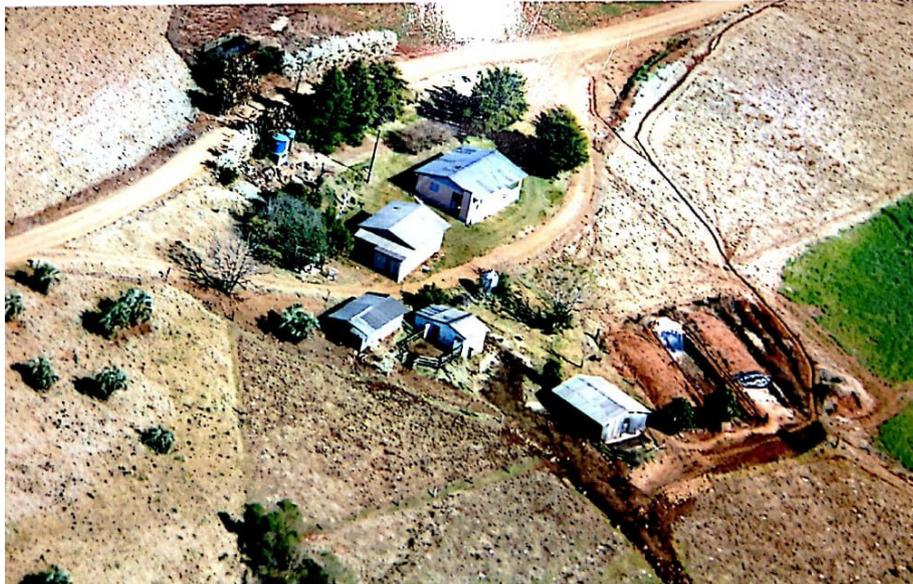


Figura 01 – Propriedade de agricultores familiares com uma infraestrutura que demanda mais custos produtivos, Chiapetta/RS, década de 2010.

Fonte: Acervo pessoal Irineu Juriatti e Salete Zanella Juriatti.

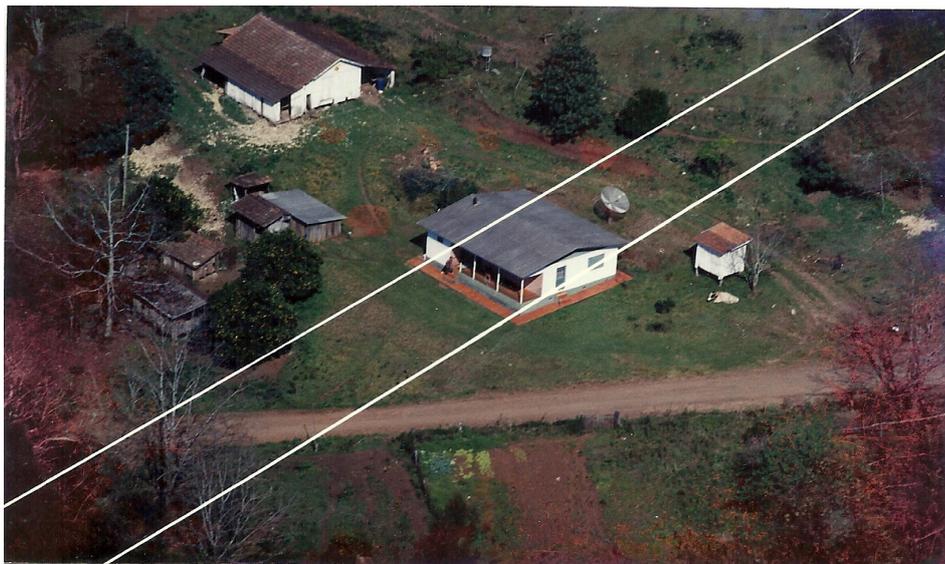


Figura 02 – Propriedade de agricultores familiares anterior à migração, com infraestrutura mais simples, Engenho Velho/RS, entre as décadas de 1980 e 1990.

Fonte: Acervo pessoal Irineu Juriatti e Salete Zanella Juriatti.

No caso do Reassentamento Cristo Rei, é necessária uma ressalva, que não pode ser observada na maioria das comunidades rurais, seus moradores, passaram por um processo migratório coletivo. Como já comentado, após a redemarcação da Terra Indígena de Serrinha, as famílias precisaram migrar para outro local, no caso Chiapetta/RS. Apesar das duas cidades ficarem no mesmo estado, as características geográficas não são completamente parecidas, enquanto Constantina tem um solo rochoso e muito desnivelado, com uma terra escura, Chiapetta possui terra vermelha, solo sem rochas e bem plano. Essas diferenças, principalmente as rochosas e de nivelamento, facilitaram muito a implementação de mecanização nas propriedades, que

facilitou o aumento da produtividade leiteira e da renda, que conseqüentemente permitiu mais investimentos na produção.

Mas cabe lembrar que nem todas as famílias tiveram a mesma trajetória, são poucas as famílias que não produzem leite, mas mesmo assim é necessário indicar que a produção não é homogênea, e isso se dá por diversos fatores, que não são quantificáveis, pois correspondem as particularidades de cada família, e que aqui não vem ao caso. Cabe também lembrar que as pessoas entrevistadas são ou já foram produtoras de leite. Somente uma não produz mais, e é um caso que indica uma tendência nas famílias que não conseguiram garantir a sucessão familiar das propriedades. Como as pessoas desta família estavam próximas do processo de aposentadoria elas não chegaram a investir em sala de ordenha, após o reassentamento haviam investido em uma ordenha simples com uma teteira (parte da ordenhadeira que é responsável por extrair o leite da vaca, as famílias atualmente chegam a ter até quatro teteiras em uma sala de ordenha), e também não haviam comprado os resfriadores a granel (que são tanques em aço inox, onde o leite é despejado diretamente por tubulações, que mantem a temperatura do leite no nível adequado sanitariamente), antes de encerrarem a produção leiteira utilizavam resfriadores que eram enchidos com água, que ficava em uma temperatura controlada e dentro desta água eram submersos os taros de leite (espécies de tanques de metal que tinham em média, a capacidade de armazenamento de 50 litros). Como não tinham sucessores que se interessavam pelo trabalho agrícola nem chegaram a investir nas salas de ordenha, que são construções de alvenaria específicas para a extração do leite das vacas. O abandono da produção leiteira vem se tornando prática comum nestes casos, mas cabe ressaltar que a grande maioria das propriedades tem a sucessão familiar garantida e fazem constantes investimentos e melhorias, muitas estão investindo em salas de trato animal mecanizadas e com ventiladores, não tendo ainda nenhum caso de confinamento animal, processo semelhante da produção de suínos, onde os animais não pastam diretamente nas lavouras, mas ficam em uma estrutura de alvenaria.

Voltando aos custos produtivos que embasam a tese de trabalho familiar integrado e subordinado as agroindústrias (ALENTEJANO, 2012), as vacas precisam constantemente de medicação, como há uma exploração do seu corpo, as doenças na úbere das vacas são bem comuns, o que exige a aplicação de antibióticos<sup>3</sup>. Durante o processo de ordenha os gastos só aumentavam, no século XX e início do XXI a ordenha era realizada em uma estrebaria de madeira, local onde as vacas eram ordenhadas e alimentadas, posteriormente as empresas do agronegócio passaram a exigir uma sala exclusiva para a ordenha, com fosso para que os/as ordenhadores/as fiquem na altura dos tetos, revestimento adequado do chão e barras de contenção para as vacas permanecerem no local, resfriador de leite e ordenha mecânica<sup>4</sup>. Todas essas exigências, que de fato aumentam a qualidade do leite produzido, foram custeadas única

---

3. “Com o interesse humano na utilização do leite, mais e mais foi feito para aumentar a produção da glândula mamária. Esse interesse fez com que a glândula fosse exposta a muitos de fatores de agressão contínua, tais como: ordenha imprópria (mãos sujas, máquinas mal calibradas), acúmulo de animais em estabulação e falta de higiene ambiental favorecendo contaminação, melhoramento genético enfocando produção e ignorando outras características” (RIET-CORREA, 2006).

4. EMBRAPA. **Sala de ordenha**. Disponível em: <[https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01\\_124\\_21720039243.html](https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01_124_21720039243.html)>. Acesso em 27/12/2021.

e exclusivamente pelos produtores, as empresas não tem nenhum tipo de incentivo direto para as melhorias. Além de produtos que são aplicados nos tetos das vacas pré e pós ordenha, devem ser comprados produtos de limpeza específicos para a ordenhadeira. Após a ordenha as vacas recebem a silagem de milho no local destinado a alimentação, e mais algumas rações específicas para vacas leiteiras.

As empresas que recolhem o leite nas casas dos produtores não precisam se preocupar com os custos da produção do leite, apenas em orientar que a ordenha seja realizada conforme normas sanitárias. Elas não têm contato com as vacas, não presenciam o sofrimento animal quando uma vaca fica dias mugindo para sua cria depois de serem separadas no parto, não precisam se preocupar com o excesso de terneiros machos que nascem nas propriedades, já que as vacas são engravidadas em menos de dois anos após terem a última. As empresas não precisam fazer o adestramento das vacas mais novas ao sistema de ordenha, processo desgastante e carregado de sofrimento, tanto para a vaca como para o agricultor. Elas somente recolhem o leite já resfriado aplicando suas dezenas de testes<sup>5</sup> sobre amostragens, que, dependendo do resultado, podem reduzir o preço recebido por litro.

Adams (2018, p.32) defende em seu livro um debate que necessita de mais atenção nos estudos sobre proteína vinda de animais, para a autora os ovos e o leite devem ser denominados como proteínas feminilizadas, ou seja, produzidas através de um corpo feminino, neste caso, as vacas. A autora afirma que a maioria dos animais que os seres humanos utilizam na alimentação são fêmeas adultas e suas crias jovens, os animais fêmeas são duplamente explorados, quando estão vivas produzem o leite e quando seu período (re)produtivo chega ao fim elas são mortas e consumidas na forma de carne. Processo que as famílias agricultoras conhecem e vivem, tendo inclusive uma empatia das agricultoras pelo sofrimento das vacas na sua condição de fêmea.

Os administradores e donos das agroindústrias internacionais e nacionais que compram leite das famílias agricultoras podem até conhecer o processo, porém não o sentem no cotidiano do trabalho, para eles o leite e a carne possuem o que Adams (2018, p. 79) denomina como referente ausente, por meio do retalhamento ou dos produtos finais de consumo os animais se tornam ausentes, não são lembrados na hora das refeições, pode-se ir mais longe e lançar a hipótese de que os agricultores familiares e seu trabalho também são referentes ausentes nos cálculos financeiros das empresas da indústria leiteira, pois todo o trabalho familiar despendido naquele processo se torna ausente, é esquecido. Não que os donos do agronegócio não conhecem o processo, eles apenas ignoram, já que para obter lucro a produção precisa seguir e se aprimorar.

Todos esses processos produtivos não são desgastantes somente para os animais, os trabalhadores também sofrem, já que as pessoas não tem o poder de escolha sobre o modo como vai se dar a produção leiteira, ou muitas vezes não conseguem vislumbrar outra atividade agrícola que garanta uma renda compatível. Se a reprodução e produção animal não se der nos parâmetros citados anteriormente a produtividade que as empresas buscam não é alcançada, bem-estar e exploração animal não são compatíveis, apenas táticas de marketing. Se um agricultor não separar o terneiro da vaca a relação mãe e filho vai se fortalecer e o leite que

5. Os testes que são aplicados no leite brasileiro estão descritos no site da Embrapa. EMBRAPA. **Testes de Qualidade**. Disponível em: <[http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01\\_189\\_21720039246.html](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01_189_21720039246.html)> Acesso em: 08 nov. 2021.

seria para a venda vai para o terneiro, incompatível com a produtividade, já que os terneiros não são uma fonte de renda majoritária, o número de nascimentos é tanto que a maioria das famílias doa os bebês, pois não tem o que fazer com eles e não encontra compradores. Se uma vaca envelhecer e não produzir mais leite como na sua melhor fase reprodutiva e o agricultor não vendê-la para o abate quem paga os custos da criação do animal velho e que não produz? se a vaca não engravidar ano após ano como a produtividade vai se manter? Portanto o problema está na lógica de produção imposta, que não está presente na vida do empresário do agronegócio, que majoritariamente vive nos centros urbanos, ou até mesmo em outro país.

Lênin (1985) argumentava que a transformação do campesinato em proletariado rural, criava um mercado de artigos de consumo, pois estes proletariados precisariam comprar bens de autoconsumo, já que não teriam terra para plantá-los, e no caso do campesinato que se transformava em burguesia rural criava-se um mercado de meios de produção, já que estes precisariam comprar equipamentos, sementes e demais itens para a produção em grande escala. No grupo em estudo esta divisão entre proletário e burguesia rural não cabe totalmente, pois como já colocamos com Alentejano (2012, p. 759) por mais que não são trabalhadores assalariados, tratava de proprietários dos meios de produção, mas que estão em crescente processo de dependência do agronegócio, quem de fato possui os meios de produção são as indústrias do agronegócio, com condições de explorar o trabalho das famílias agricultoras em busca de uma renda para a manutenção da família. Mas mesmo não sendo uma burguesia rural os gastos com meios de produção de fato financiam a indústria, que cada vez avança mais na economia global, formando filhos de pequenos agricultores na universidade para baterem de porta em porta nas comunidades rurais vendendo insumos e agrotóxicos em busca de ascensão social.

Como o próprio Lênin (1985, p. 174) colocava, no caso da pecuária, o capital acha mais vantajoso deixar a produção de animais à cargo dos pequenos produtores, para que cuidem do rebanho com “zelo” e façam “o trabalho mais duro e mais pesado da manutenção da máquina que dá leite”. Já os capitalistas “[...]dispõe dos meios mais aperfeiçoados e modernos não só para separar a nata do leite, mas também para separar a ‘nata’ desse ‘zelo’, para separar o leite dos filhos dos camponeses pobres”. As famílias podem até ser donas das vacas, mas quem fica com o leite e o mais valor derivado deste leite não são elas.

Lênin (1985) acertou quando disse que a sociedade agrária seria subordinada a produção capitalista, mas para o caso brasileiro e para o grupo que aqui estudamos os agricultores familiares contemporâneos e do passado recente são os filhos/as e netos/as do campesinato e conservam muitas das práticas e saberes dos seus pais e mães, mesmo sendo pressionados pelo agronegócio para abandonar estas práticas autônomas. Rapidamente um pequeno exemplo, mas que impacta a produção de alimentos das famílias: a Nestlé orienta aos seus “fornecedores” de leite, no caso famílias de agricultores/as, a não deixar galinhas livres na propriedade<sup>6</sup> por elas transitarem pelos locais de alimentação das vacas e pela sala de ordenha, local onde o leite é tirado da vaca. Então os/as produtores/as de leite constroem galinheiros para aprisionar as

---

6. NESTLÉ. *Manual de Fornecimento de Leite para a Nestlé*. Disponível em: <<https://silو.tips/download/manual-de-fornecimento-de-leite-para-a-nestle>> Acesso em: 03 de set. de 2021.

galinhas, quando não se desfazem delas na sua propriedade, passando a depender de outras fontes para a obtenção de ovo, carne e esterco.

Mas o que os técnicos da Nestlé não compreendem, é que as galinhas e outras aves são muito importantes na propriedade para o controle de carrapatos no pasto e nas vacas, sendo que quando as galinhas estão presas a quantidade de parasitas tende a aumentar no rebanho bovino. A empresa oferece três centavos a mais por litro de leite caso a propriedade se adéque aos parâmetros contidos no seu manual, porém a visita do/a técnico/a responsável pela avaliação é paga pela família e todas as adequações nas instalações também.

Seria muito mais vantajoso para as famílias continuarem com a sua criação de galinhas e investir em outras formas de contenção sanitária dos cochos e sala de ordenha, garantindo assim o equilíbrio agroecológico da propriedade e a autonomia no consumo de ovos e carne. Além disso o aprisionamento de aves em um mesmo local por muito tempo apresenta uma série de fatores complicadores da produção e da saúde na propriedade, mostrando a irresponsabilidade da empresa para com os seus “fornecedores”, que viu somente a produção leiteira de forma isolada, sem prestar atenção na totalidade da propriedade com uma diversidade produtiva, característica da agricultura familiar.

## Conclusões

A introdução da produção leiteira na escala em que encontramos hoje se deu por etapas e passou por diversas mudanças nas últimas décadas. Segundo Carvalho (2002, p.4 e 5), na década de 1990, o leite fluido se transformou em um commodity, sua comercialização se expandiu devido à adoção da esterilização do leite, que aumentou a vida útil do leite de 2 dias para até 4 meses. Essa possibilidade expandiu os mercados, as indústrias que antes eram regionalizadas passaram a ser de capital estrangeiro, mesmo com o capital nacional e gaúcho sendo os predominantes no Rio Grande do sul, a lógica setorial é regida pelo capital internacional. Segundo a mesma autora (Ibid. p. 14) os pequenos produtores foram descartados como fornecedores por essas indústrias, e o processo é crescente, pois investimentos cada vez mais altos são exigidos. Lima, Luca e Trennepohl (2014, p. 22) afirmam que as empresas compradoras do leite têm forçado um processo de seleção entre as famílias produtoras de leite, através da imposição dos padrões sanitários cada vez mais exigentes e preços mais elevados para produtores com uma escala maior de produção.

Através da modernização da produção sem nenhuma política pública que garantisse a infraestrutura necessária a especialização do trabalho se tornou cada vez maior, exigindo conhecimentos técnicos mais específicos e uma necessidade maior de investimentos, esse processo ainda em curso dará continuidade ao processo de exclusão de muitas famílias produtoras que não terão condições de se adequar. Isso fica evidente pelos valores que devem ser desembolsados para a produção leiteira no modelo de produção intensiva em confinamento, que além da estrutura necessária para manter as vacas o tempo todo confinadas em galpões, também pode ter a ordenha realizada de forma totalmente mecânica, sem nenhum contato com o produtor, através do uso de robôs, o que já é uma realidade, mas que está concentrada

principalmente em grandes fazendas, o que facilita a logística para as empresas que em vez de negociar com 20 produtores familiares, fazem isso com um grande produtor e ainda garantem uma estratégia de marketing a partir da lógica higienista e de bem-estar animal.

Essa concentração crescente pode ser vista nos dados, Lima, Luca e Trennepohl (2014, p.26) trazem os dados do Censo Agropecuário de 2006 na região noroeste do Rio Grande do Sul, neste ano existiam 103 mil estabelecimentos produtores de leite, com um rebanho de 586 mil vacas ordenhadas e que produziram 1,55 bilhões de litros de leite. Se esses dados forem comparados com os do Censo Agropecuário de 1996 houve uma redução de 24% no número de produtores, um aumento de 31% no total de vacas ordenhadas e um crescimento de 60% no volume de leite produzido.

Como explicitou Marx (2017, p. 230) a produção capitalista é indiferente ao valor de uso e as características específicas das mercadorias, em qualquer esfera de produção o que importa é apenas produzir mais valor. A agroindústria leiteira colabora com essa lógica, pois o que importa no balanço mensal são os lucros, não as famílias produtoras, não os animais, não a alimentação da população. Para que as agroindústrias consigam esse resultado elas subordinam cada vez mais as famílias, que transformam o modo como trabalham para se adequar aos padrões produtivos das empresas, mudando a sua relação com as vacas, que perdem a dignidade e passam a ser somente produtoras de leite, que podem ser violentadas durante a sua existência, afinal muitas vezes o produtor está tão farto do trabalho que não consegue ter empatia pelos animais, que se transformam em um fardo por não seguirem as regras que são impostas pelos humanos. As empresas sabem a situação dos animais na propriedade e somente investem em bem-estar animal no setor de marketing, pois para que os animais tivessem a vida respeitada o sistema leiteiro teria que passar por grandes mudanças, incompatíveis com o modo de produção capitalista e o padrão de consumo leiteiro da humanidade atual, o lucro é incompatível com o bem-estar animal e com a igualdade social

## REFERÊNCIAS

ADAMS, Carol James. *A política sexual da carne: uma teoria feminista-vegetariana*. São Paulo: Alaúde Editorial, 2018.

AGROLINK. *Galinhas da angola livram pasto de pragas*. Disponível em: <[https://www.agrolink.com.br/noticias/galinhas-da-angola-livram-pasto-de-pragas\\_132321.html](https://www.agrolink.com.br/noticias/galinhas-da-angola-livram-pasto-de-pragas_132321.html)>. Acesso em: 29 nov de 2021.

ALENTEJANO, Paulo. Trabalho no campo. In: CALDART, Roseli Salette. *Dicionário da educação do campo*. Rio de Janeiro/São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/Fiocruz/Expressão Popular, 2012, p. 757-761.

CARVALHO, Vera Regina Ferreira. Indústria de laticínios no Rio Grande do Sul: um panorama após o movimento de fusões e aquisições. In: 1o Encontro de Economia Gaúcha, 2002, Porto Alegre, RS. *Anais do 1o Encontro de Economia Gaúcha*. Porto Alegre, RS: PUCRS, 2002.

Disponível em: <[http://cdn.fee.tche.br/eeg/1/mesa\\_10\\_carvalho.pdf](http://cdn.fee.tche.br/eeg/1/mesa_10_carvalho.pdf)> Acesso em: 12 nov. 2021.

COLETTI, Tomé. ; LINS, Hoyêdo Nunes. A suinocultura no vértice das relações entre agroindústria e agricultura familiar no oeste de Santa Catarina. *Ensaios FEE* (Impresso), v. 32, p. 339-360, 2011. Disponível em: <<https://revistas.planejamento.rs.gov.br/index.php/ensaios/article/download/2464/2980>> Acesso em: 15 out. 2021.

Embrapa Gado de Leite. *Circular Técnica 85*. Dezembro, 2005. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/595700/sistemas-de-producao-de-leite-no-brasil>> Acesso em: 15 nov. 2021.

EMBRAPA GADO DE LEITE. *Circular Técnica 85*. Dezembro, 2005. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/595700/sistemas-de-producao-de-leite-no-brasil>> Acesso em: 15 nov. 2021.

EMBRAPA. *Sala de ordenha*. Disponível em <[https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01\\_124\\_21720039243.html](https://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01_124_21720039243.html) >. Acesso em 27/12/2021.

EMBRAPA. *Testes de Qualidade*. Disponível em: <[http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01\\_189\\_21720039246.html](http://www.agencia.cnptia.embrapa.br/Agencia8/AG01/arvore/AG01_189_21720039246.html)> Acesso em: 08 nov. 2021.

GLOBO RURAL. *Leite: produtor investe em fazenda robotizada e recebe R\$ 1,90 por litro*. Disponível em: <<https://www.canalrural.com.br/noticias/pecuaria/leite/leite-produtor-investe-em-fazenda-robotizada-e-recebe-r-190-por-litro/> > Acesso em: 15 nov 2021.

GONCALVESNETO, Wenceslau. *Estado e agricultura no Brasil: política agrícola e modernização econômica brasileira, 1960-1980*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

JACCOUND, Myléne; MAYER, Robert. A observação direta e pesquisa qualitativa. In: POUPART, Jean et al. *A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 254-294.

LAZZARI, Francini Meneghini; SOUZA, Andressa Silva. Revolução Verde: impactos sobre os conhecimentos tradicionais. In: Anais 4º Congresso Internacional de Direito e Contemporaneidade: mídias e direitos da sociedade em rede, 2017, Santa Maria. *Anais...* Santa Maria: UFSM, 2017. Disponível em: <<http://coral.ufsm.br/congressodireito/anais/2017/4-3.pdf> >. Acesso em: 28 set. 2019.

LÊNIN, Vladimir Ilitch. *O desenvolvimento do capitalismo na Rússia: O processo de formação do mercado interno para a grande indústria*. São Paulo: Nova cultural, 1985.

LIMA, Guilherme Gadonski de; LUCCA, Emerson Juliano.; TRENNEPOHL, Dilson. Expansão da cadeia produtiva do leite e seu potencial de impacto no desenvolvimento da região Noroeste Rio-Grandense. in: *7 Encontro de Economia Gaúcha*, 2014, Porto Alegre. *7 Encontro de*

Economia Gaúcha, 2014. v. 1. p. 3-28.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. Livro III – O processo global da produção capitalista. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2017.

NESTLÉ. *Manual de Fornecimento de Leite para a Nestlé*. Disponível em: <<https://silo.tips/download/manual-de-fornecimento-de-leite-para-a-nestle>> Acesso em: 03 de set. de 2021.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti; DIESEL, Vivien . Agricultura Familiar no Norte do Rio Grande do Sul: a cooperação como estratégia de resistência à proletarização no município de Constantina. In: VI Encontro - Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção: Agricultura Familiar e Meio Ambiente, 2004, Aracaju. *Anais / VI Encontro da Sociedade Brasileira de Sistemas de Produção*. Aracaju - SE: SBSP/Embrapa - Tabuleiros Costeiros, 2004. v. Único.

PLEIN, Clério. Capitalismo, agricultura familiar e mercantilização. *Informe GePec*, v. 14, n. 2, p. 96–111, 2010. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/gepec/article/view/4008>>. Acesso em: 03 out. 2019.

POMPÉIA, Caio. *Formação política do agronegócio*. São Paulo: Elefante, 2021.

Prato Cheio Episódio 6 - T4 A Febre da Soja. Locução de: Marina Yamaoka. *Podcast*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xstlKgkAEAg>. Acesso em: 17 out, 2022.

PRODAP. *Hipocalcemia em vacas: O que é, quais são sintomas e como tratar*. Disponível em:<<https://prodap.com.br/ptblog/sintomas-da-hipocalcemia>> Acesso em: 10/01/2022.

QUEM é o ‘Rei dos hectares’ no Brasil? Conheça nossos 3 maiores produtores agrícolas. *Canal Rural*, 30 out. 2021.

RIET-CORREA, Franklin et al. *Doenças de Ruminantes e Equinos*. 2º ed, Vol. 1, São Paulo, SP, 2006. p. 294 a 305.

SALES, Márcia Neves Guelber. *Criação de galinhas em sistemas agroecológicos*. Vitória, ES: Incaper, 2005. Disponível em:<<http://www.ifcursos.com.br/sistema/admin/arquivos/15-17-36-criaca0degalinhasemsistemasagr0ec0l0gic0s.pdf>>

SERAFINI, Rafaela Fatima et. al. Evolução dos sistemas da produção de suínos em uma comunidade rural de Três Passos-RS., 2019, Porto Alegre - RS. *IX Salão Integrado de Ensino, Pesquisa e Extensão*, 2019. Disponível em: <<http://conferencia.uergs.edu.br/index.php/IXSIEPEX/IXSIEPEX/paper/viewFile/3645/740>> Acesso em: 07 nov. 2021.

WANDERLEY, Maria de Nazareth Baudel. O campesinato brasileiro: uma história de resistência. *Revista de Economia e Sociologia Rural*, v. 52, p. 25-44, 2014.